Ano IX Lisboa, 11 de Janeiro de 1934 N.º 416

DIRECTOR AUGUSTO DE SANTA RITA

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

SURPRESAS DO ANO NOVO

POR VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

DESENHOS DE ADOLFO CASTAÑÉ

VOU contar aos meus amiguinhos um caso extraordinário que me sucedeu.

Esse facto coincidiu, exactamente, com o começo do Novo Ano.

Pareceu-me um bom preságio como se eu entrasse nêle com o pé direito e, comigo, tôdos vocês, bons amiguinhos, que me lêem.

Os meninos calculem o meu pasmo quando, ao acordar uma manhã destas, vi, sôbre o meu toucador, uma caixa, muito linda, de sêda côr de rosa.

Quem a teria ali pôsto?

A criada não entrara ainda no quarto, como depois indaguei.

Na véspera não estava ali a caixa misteriosa e, pelo correio, não viera!...

Seria de bombons?...

Cheguei-me mais, para a observar, e vi que, na tampa, estava escrita qualquer cousa.

Li, então:

—Abre a caixa misteriosa,
sem receio!
Não estejas assim nervosa,
nesse anceio!

Abri-la-ás, com certeza,
com cautela.
Logo verás a surprêsa,
dentro dela.—

Dizer-lhes que não foi a mêdo que lhe toquei, seria pêta; e lá que estava nervosa também era verdade.

A aparição da tal caixa era estranha, era estranho o que estava escrito em cima dela, por isso, eu tremia, mesmo sem querer!

Por fim, decidi-me!

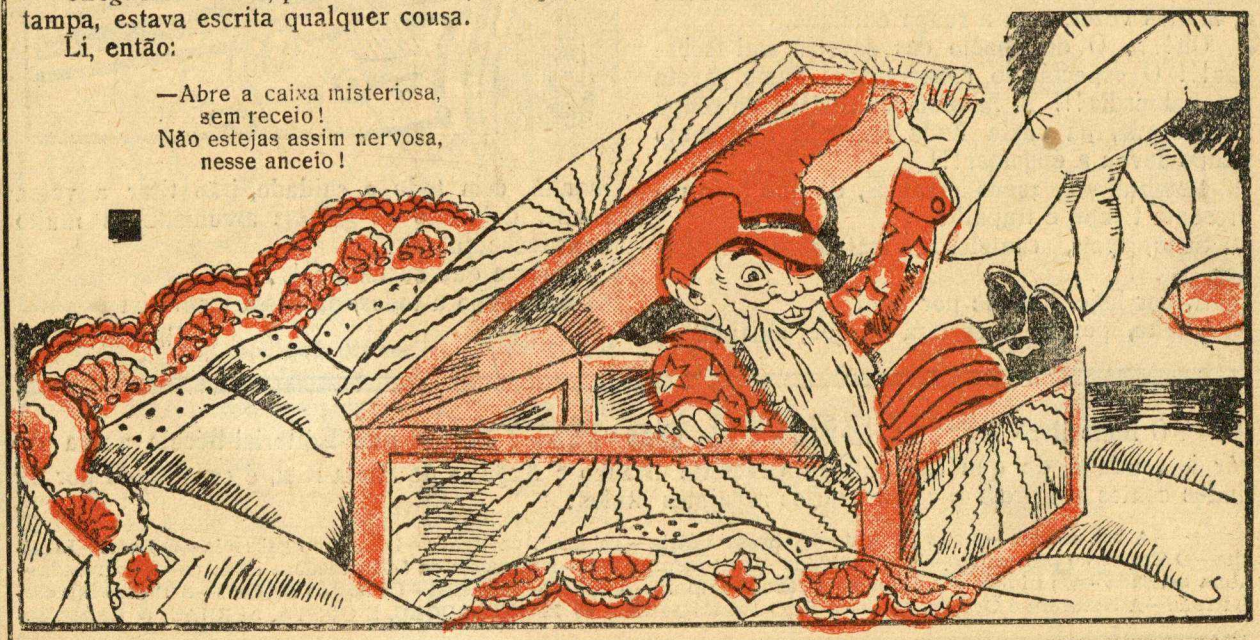
A caixa não havia de ficar por abrir!

Se lá dentro trazia uma surprêsa!...

Bumba entre os meus dedos nervosos, a tampa saltou e, lá de dentro, o que havia de saír?

Um pequenino Anão, aos pulinhos, aos saltinhos,

(Continúa na pag. 6)



Por GRACIETTE BRANCO

MEUS meninos: Não venho, neste pequeno espaço, substituir as vossas carinhosas e previdentes Mãizinhas, que, melhor do que eu, saberão aconselhar-vos, ensinando-vos todos os deveres e obrigações de meninos arranjados. Desejo, apenas, auxiliá-las na sua grandiosa tarefa, poupando-lhes uma pequena parcela da sua nobre missão de educadoras.

O tempo é precioso e poderão ter bébés mais novinhos, cujos cuidados deixem, à Mãi, poucas horas de sobra.

Vamos pois, começar.

Para a educação ser completa, necessário se torna que de muito novinhas, as crianças sejam iniciadas nos mais simples pormenores da órdem, do método, do arranjo.

AS GAVETAS

EU sei, vejo daqui do cantinho onde estou escrevendo, que a Mãizinha tem as vossas gavetas arranjadas na perfeição. Divididas, em rumas, as camisas, camisolas de algodão, camisolas de lã, cuecas, pijamas de verão, pijamas de inverno, meias, colarinhos, gravatas e lenços, apresentam um aspecto de órdem e arranjo que alegra e encanta. Há as gavetas recheadas dos meninos ricos e as gavetas modestas dos meninos pobres.

Todas, porém, indicam o arranjo e a órdem indispensáveis em todos os cantos do lar.

Pois, meus meninos: Não há o direito de, num momento, desfazer o trabalho meticuloso de algumas horas. E eu sei que os meninos precisam dumas cuecas, duma camisa, dum lenço; chegam à gaveta, puxam pela peça de roupa, desmoronando a ruma, que deixam em completa balbúrdia, atirando com a gaveta que fica entreaberta e, muitas vezes, com a roupa entalada.

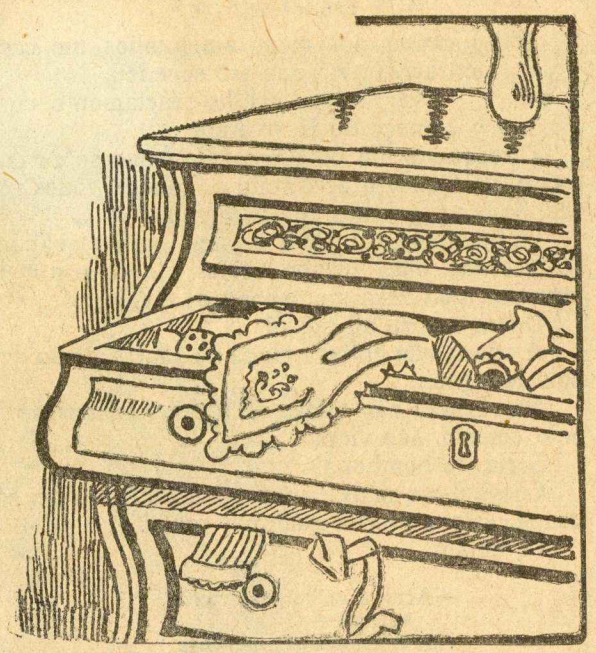
Oh!... O desmazêlo das gavetas mal fechadas!!! O espectáculo desagradável duma gaveta em balbúrdia!!! A lamentável tristeza da roupa amarrotada, da nossa linda roupinha que tanto tempo levou a engomar!!!

Lembrai-vos, meus meninos, de que tudo representa tempo e trabalho.

Sêde, pois, cautelosos, metódicos, ordenados.

E, por hoje, fico-me por aqui

Tenho, porém, a certeza de que, àmanhã de manhã, com todo o cuidado, irão tirar a vossa roupa, deixando as gavetas arrumadas e muito bem fechadinhas...



Olhem que eu tudo sei...

Um beijo a todos, da vossa madrinha

GRACIETTE

O lindo livro «**PRESENTE de NATAL**» que Editorial-Século acaba de pôr à venda e de que são autores Graciette Branco e Augusto de Santa-Rita, é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso com os seguintes títulos:

— A bôa estrêla—Carta da Praia—A nossa Pátria—Teimosia castigada—O menino gabarola—O Farol—Luizinha—O Terror do passarinho—Hospitalidade—Uma menina feia—A resposta da Lili—Piedosa mentira—A garraiada—Alma delicada —Os ninhos—O Estudo—A carta anónima—A bolinha vermelha—Os nossos vizinhos—A raposa e o cordeirinho—A Natureza e Oração. —— SÃO 104 PÁGINAS, 40 ILUSTRAÇÕES, E CUSTA, APENAS, **5 Escudos**

HISTÓRIA DUMA FIDALGUINHA

POR J. F. S. desenhos de A. CASTAÑÉ

O que vou contar-vos passou-se em Portugal no ano de 1762. Governava o reino el-rei D. José I.

No convento de Chelas, uma só luz se divisava. Era a da cela da marquêsa de Alorna, ali encerrada com sua filha Leonor, por órdem do marquês de Pombal, ministro de D. José I, como represália ao célebre atentado cometido pelo marquês de Távora contra o monarca.

Tem a mãi, junto a si, a filha, de oito anos de idade. Mostra-lhe uma tira de papel onde se vêem escritos, a vermelho, alguns caractéres irregulares.

— «Vê estas letras, minha filha?» — segreda a marquêsa, olhando, desconfiada, para todos os lados.

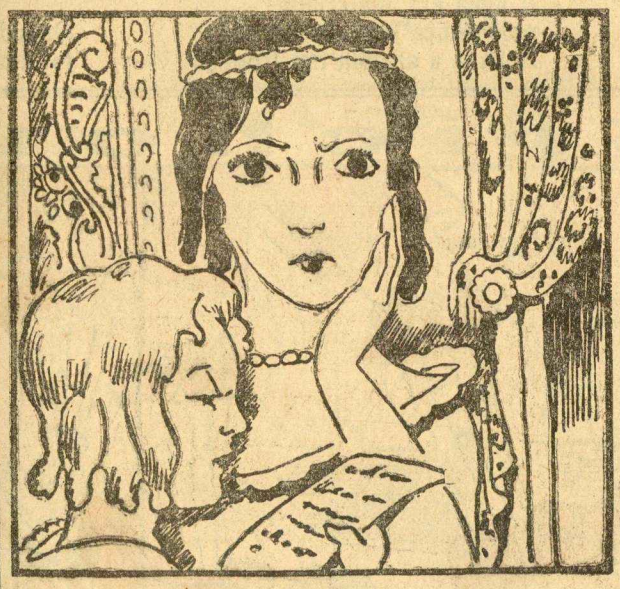
— «Vejo, sim, minha mãi. E se me não engano...»

— «Sim, não se engana, é de seu avô — (atalhou a marquêsa, falando mais baixo ainda.) — Repare — (continuou) — na maneira como a côr das letras é viva. Sabe com que foi escrita esta missiva?»

Leonor olhou, assombrada, o papel, e respondeu com visível comoção:

— «Com sangue!»

— «Sim! com sangue! Sangue de meu pai! E' a única tinta que obteve no cárcere para onde o atiraram injustamente. Sinto-me cada vez pior. Não posso continuar respondendo a seu avô. Será



a menina quem me substituirá. — (Dizendo isto, olhou a filha, fixou-a bem, e concluiu:)

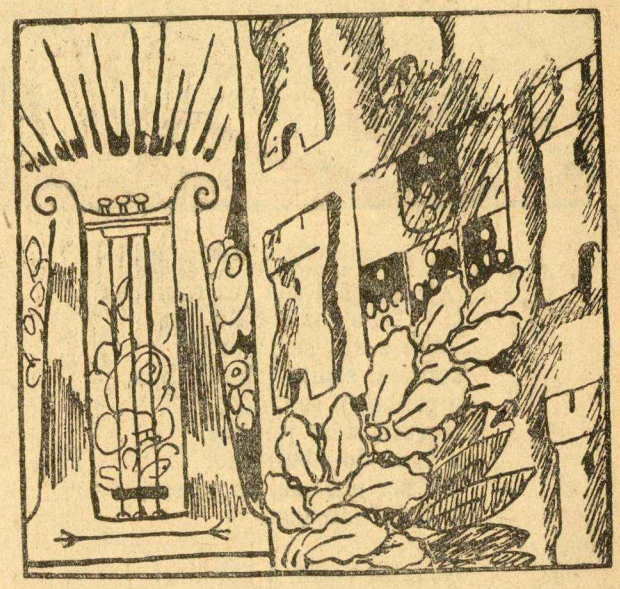
Se a menina disser a alguém que viu êste papel ou contar o que êle diz, levará à morte todos nós. Compreendeu bem?»

Por seu turno, a pequena olhou a mãi, ficou calada uns momentos, e respondeu num tom calmo mas enérgico:

— «Sim, minha mãi, compreendo.»

E daí por diante, era ela quem recebia essa perigosa correspondência e enviava as respostas.

Carinhosa em extremo para sua mãi, foi Leonor



quem lhe suavisou os momentos de tristêsa provocados pela reclusão. Estudou sòzinha, com extraordinária corágem e fôrça de vontade, filosofia, línguas, música e poesia, aperfeiçoando-se, ainda, nos trabalhos peculiares ao seu sexo.

Sobretudo, a poesia apaixonava-a. Surgiram os seus primeiros versos; depois outros, muitos outros. A um velho amigo de sua família, confia a pequena essas primícias literárias. Achando-as soberbas, o confidente passa o original a outro entendido, e, dentro de pouco tempo, a poetisa de oito anos é querida e admirada como um grande talento precoce.

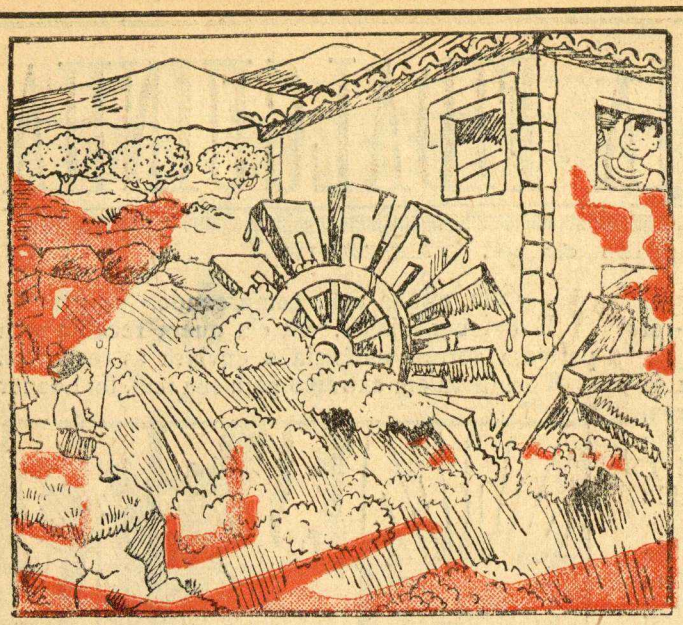
Três anos após, o grande vate Francisco Manuel do Nascimento (Filinto Elísio), visita Leonor no convento, ouvindo da sua bôca composições soberbas que o deixam surprêso e enlevado.

Acodem a ouvi-la outros poetas que bem depressa se tornam admiradores. Estava feita a sua consagração.

Aos 26 anos Leonor obteve, emfim, a liberdade.

Sob o titulo «Poesias de Chelas» publicou todas as produções feitas no seu tempo de menina. Seguiram-se outras obras e todas de tão raro merecimento que o seu nome de D. Leonor de Almeida e o seu gentil pseudónimo de *Alcippe* ficaram gravados, a letras de oiro, na fecunda história da literatura portuguêsa.

Não menos gravados ficaram, no coração dos lusitanos, os seus exemplos morais de menina corajosa e obediênte.



Hoje por nós... n

Versos de LAURA CHAV

AQUELA senhora azenha,
com a sua voz roufenha
e a sua roda a girar
noite e dia, sem parar,
sempre, sempre, numa lida,
a ganhar a sua vida,
afagava, com jeitinho,
a água do ribeirinho,
por ser ela que, ao passar,
a fazia trabalhar.

Quantas vezes, à noitinha,
a azenha, que era vèlhinha,
já estava muito cansada,
gemia tanto, coitada,
que até de longe se ouvia
o gemido que gemia.

Mas, a água, na levada,
corria alegre, estouvada,
numa eterna criancice,
sem se lembrar da velhice
da pobre azenha doente...
Pois se ela era água corrente,
tinha de seguir viágem,
dar de beber à folhágem,
aos bichinhos mais às flores.
«Não se pode olhar às dôres
que o nosso dever provoca!»
Era isso que essa louca
cantava de frágua em frágua.
«Se amanhã secasse a água,
—(murmurava borbulhando,
pelos seixos saltitando,)—
inda a azenha choraria
a inacção que sofreria.

Devemos respeito aos velhos,
seguir-lhes, mesmo, os conselhos
e tratá-los muito bem,
nunca esquecendo, porém,
ao ouvir os seus lamentos,
que os velhos são rabugentos!»

A água era malcriada
pois nunca fôra educada.
Achava a azenha um tropêço
e, às vezes, m
empregava a
fazendo girar
com tanta ve
que até era u
Lá dentro, as
cansadinhas
naquele giro
tinham de an
pisando o tri
que, em farin
maldizia a fo
com que aqu
de coração tãim,
o trituravam a.

Enquanto a á
a velha azenh
e as mós e o
os moleiros p
não ouvir êss
nem ver tant
Passavam o s
a rir, cheios d
Quanto mais é
mais os molei

. . . . . .

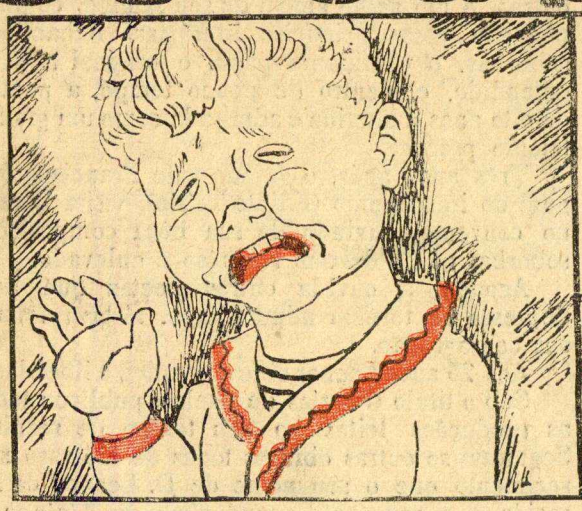
Quando chego
foi uma deso

rren
tod
da
ade
mald
a n
frer,
tante
empr
itad
ansf
atroz
duas
im,
a.

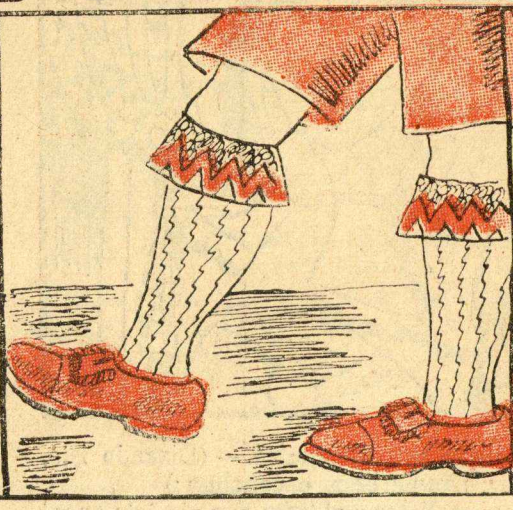
canta
horav
ger
piam
ment
crime
dia
egria
pena
canta

verá
!

Os caprichos



I — O pequenino José,
com a maior das rudezas,
chora e faz grande banzé,
pedindo ao pai que lhe dê
um par de meias à inglêsa.



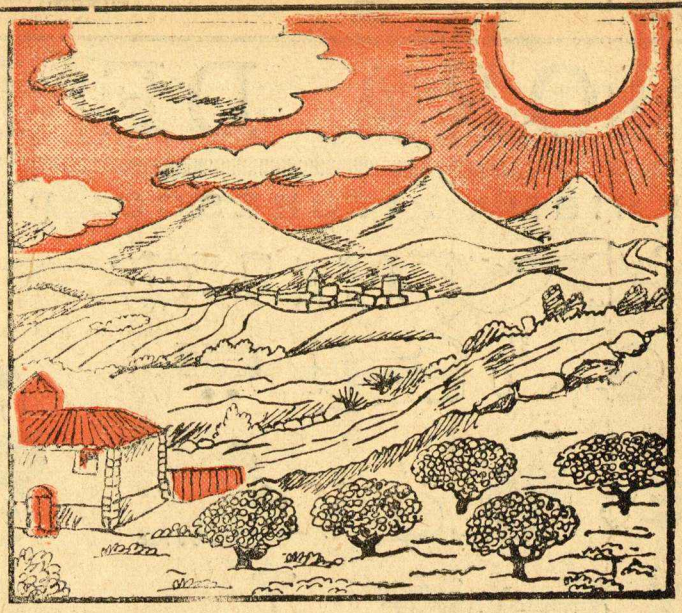
II — Meias de tipo escossês,
tal e qual como as que tem
um seu amiguinho inglês,
com quem brinca muita vez
e que lhe ficam tão bem!

III — «Quero as
pede em g
sem ouvir
tal como u
da rádio-te

s!»
e b
tum
elh
ria.

'manhã por vós...

V — Desenhos de CASTAÑE



rremêsso,
a toda,
r da
elade
maldade!
s, a moer,
frer,
tante,
mpre ávante
ritado,
ansformado,
atroz
uas mós,
tãim,
a.

cantava.
horava
gemiam;
piam
sento
torimento.
dia
degria!
penavam
eicantavam!

. . . . . .

goverão
ok!

Fez tanto, tanto calôr
que tisnou a erva e a flôr.
Mesmo a água da ribeira
secou duma tal maneira
que, em seu leito, só se via
um fiozinho que corria.

Com tal seca demorada,
a azenha estava parada.
Ela, sob o sol ardente,
murmurava docemente:
—«Já estou velha, pouco valho,
e, assim, com tanto trabalho,
sabe-me bem o descanso!
Ai que bom que é o ripanso!»
E ria a bôa vèlhinha,
tão contente, — coitadinha! —

As mós mais o trigo, então,
conversavam muito «à mão».
Diziam as mós ao trigo:
— Como a vida é bela, amigo!
Bendito seja o Senhor
que nos deu tanto calôr,
êste solzinho, tão quente,
que trouxe o repouso à gente!

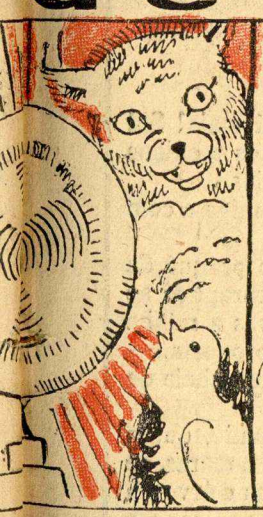
E enquanto êles conversavam,
riam e tagarelavam,
satisfeitos, prazenteiros;
que faziam os moleiros,
vendo o engenho assim parado,
o trigo sem ser pisado
e sem terem um vintém
para a vida governar?...
Chegou-lhes a vez também...
e puzeram-se a chorar!

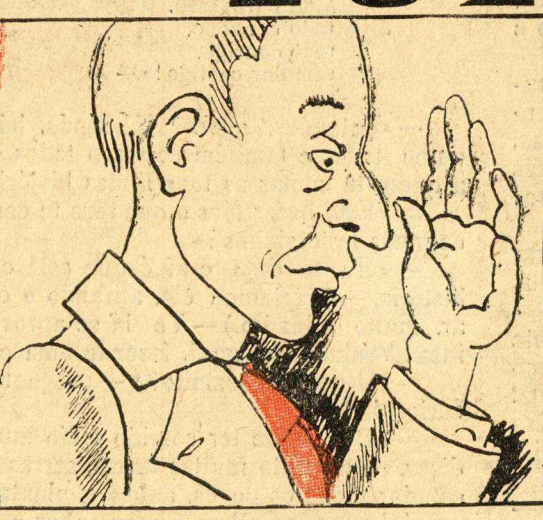
. . . . . .

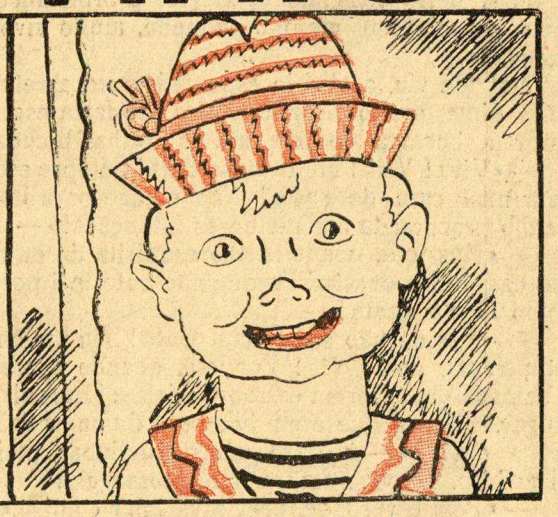
A moral do que escrevi
não é falsa, não é vã.
Pensem: — «Quem hoje se ri,
pode chorar àmanhã».

■ FIM ■

de "Zézinho"







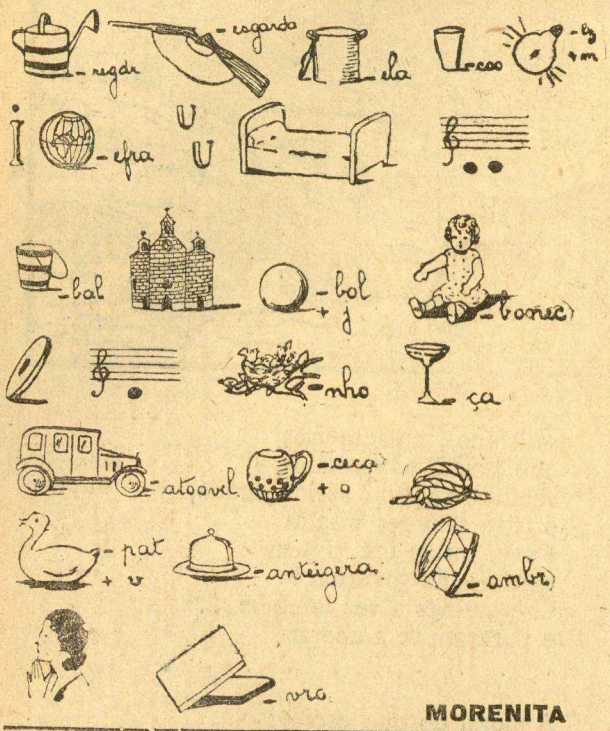
s!» O fedelho
ge berraria,
r um conselho,
uelho aparelho
terra.

IV — Com maneiras educadas,
logo o pai dêle intervém:
— «As pessoas ponderadas
devem pensar — ouve bem —
em coisas mais elevadas!»

V — Ouvindo tal asserção,
Zézinho diz: — «Com certeza,
tu, afinal, tens razão!...
(E acrescenta logo:) — Então,
eu quero um chapéu à inglêsa!»

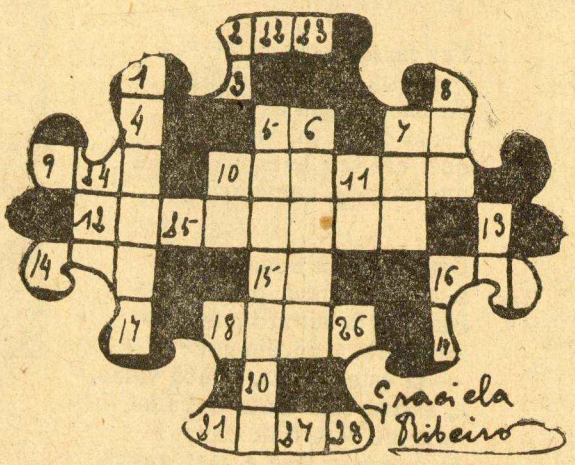
HORA DE RECREIO

ENIGMA PITORESCO



MORENITA

PALAVRAS CRUZADAS



VERTICAIS: — 9, vogal; 14, consoante; 24, preceito ou regra estabelecida por direito; 1, espécie de ventarolas para avivar o lume; 25, consoante; 2, crença; 10, nota musical; 18, vogal; 21, consoante; 6, mesa em que o sacerdote sacrifica á Divindade; 27, consoante; 11, apelido; 26, vogal; 28, vogal; 7, casa; 8, tempo do verbo vêr; 16, suspiro; 13, carta de jogar; 5, nome feminino.

HORISONTAIS: — 2, humor muito amargo contido numa vesícula aderente ao glóbulo do figado; 1, vogal; 3, vogal; 8, consoante; 4, consoante; 5, adverbio de lugar; 7, tempo do verbo lêr; 9, fileira; 10, desprovidas da verdade; 12, maravilhar; 13, vogal; 14, corrente permanente de água doce; 15, tempo do verbo dar; 16, membro anterior das aves; 17, consoante; 18, terreno liso ou empedrado onde se põem a secar e se trilham ou desgranam legumes ou cereais; 19, vogal; 20, consoante; 21, lôdo.

SURPRESAS DO ANO NOVO

(Continuado da página 1)

Trazia um carapuço vermelho, uns calçotes ás riscas, como uma páuta de música e uma veste toda bordada a estrelinhas douradas.

Era já vèlhinho, porque umas grandes barbas brancas lhe cobriam o corpo.

Mas, pelos seus modos alegres e brincalhões, mais parecia um menino pequeno, muito vivo e azougado.

Mal me viu, a olhá-lo espantada, desbarretou-se e disse, muito risonho, o que lhe fazia escancarar a bocarra enorme, até ás orelhas bicudas.

—«Viva! Viva! Muito bons dias! Sempre estás com uma cara de susto! Não é caso para isso! Venho procurar-te nas melhores intenções!»—

—«Mas que maneira tão esquisita de entrar em casa duma pessôa! Porque não bateste á porta, como tôda a gente?»—

—«Mas eu não sou tôda a gente! Sou um ente exepcional, como vês! Por isso, quando apareço é sempre duma forma extraordinária e imprevista! Julgavas, talvez, que eram bombons de que a caixa vinha cheia?»—E dava umas risadinhas, muito divertidas. Depois, noutro tom, prosseguiu:

—«Pois é verdade, precisava falar contigo!»—

—«Ora essa, para quê?»—Indaguei, caindo das nuvens, pois nunca, em vida minha, vira semelhante personágem e, muito curiosa, tornei:

—«Quem és tu? O que tens que me dizer?»—

—«Olha que pregunta!»— e, sempre aos pulinhos, cantou:

—«Sou o Anão Sabichão,
importante figurão.
Tudo sei,
tudo estudei,
meditei
e aprendi,
p'ra vir aqui!
Sempre a brincar,
sei castigar,
aconselhar.
Muito travesso.
tudo conheço,
tudo consigo,
sem dar castigo!»—

—«Entendes, agora? E, ainda, há mais! Sei quem tu és e também conheço todos os meninos a quem tu contas as tuas lindas histórias.»

—«Está bem¡ Mas o que tens tu comigo e com os meus leitorsinhos?»

—«Eu te digo e aí é que está o porquê da história,—(exclamou êle, atirando o carapuço ao ar, muito reinadio.)—Vê lá se aprovas a minha idéa! Venho, hoje, aqui, fazer-te uma proposta.»—

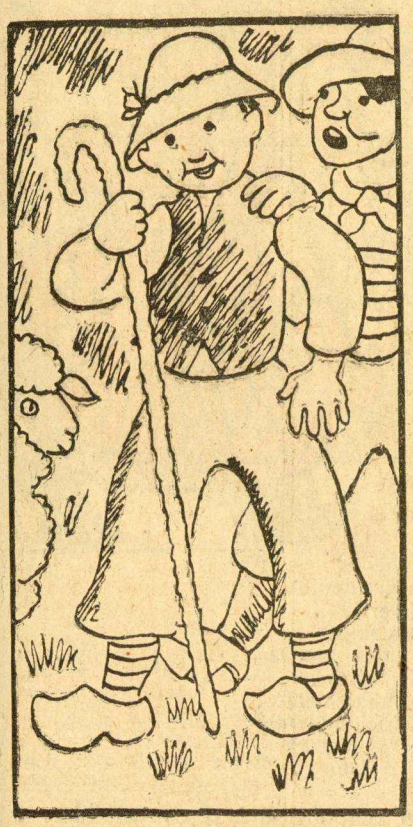
—«O quê, Anãozinho?»—preguntei, cheia de curiosidade.

—«Depois de ter corrido meio mundo, quero dizer, de ter visto muitas terras, serras e mares, de estudar todos os povos, animais, plantas e árvores, convinha-me espalhar o meu saber e dedicar-me aos meninos pequeninos, que ainda assim são bem maiores do que eu! Finalmente, lembrei-me de te propôr vir substituir-te no *Pim-Pam-Pum*.»—

—«Mas que sabes tu de meninos, velhotinho?»—

(Continua na página 8)

PROBLEMA



Certo dia, um pastor disse a um outro:

— «Se me desses uma ovelha, o meu rebanho ficaria com o mesmo número de ovelhas que o teu.

Então, o outro respondeu:

—« Lá isso, não! A ti, mais uma ovelha ou menos uma, pouca diferença te faria. Dá-me tu uma ovelha a mim e eu ficarei com o dobro das tuas ovelhas.»

Quantas ovelhas tinham os pastores!

CHARADAS EM FRASE

O *semblante* dêste *macho*, encara uma linda *serra portuguêsa*.—2-2.
Dêste *poético canto* se *contempla* uma bela *terra de Portugal*.—2-2.
Este *homem* dá nesta *nota musical* todo um *rio português*.—1-1.
Eu *olhei* esta *mulher* tocando uma *nota de musica* num *solar feudal* desta *cidade minhota*.—1-2-1-3.
Foi com escandalosa *notoriedade* que *soletrei* o nome dum *animal* oriundo desat *terra algarvia*.—2-1-1.
Com esta *veste opulenta*, entrei numa linda *praia portuguêsa*.—2-2.

Solução das anteriores:—1—Sacavem. 2—Memória. 3—Tornozelo. 4—Marcolino. 5—Leprosa

Charadas combinadas

+ ma — Leito
+ to — Animal roedor
+ lo — Nome masculino
Conceito: — Peixe

+ ca — Desporto
+ ma — Leito
+ ma — Senhora
Conceito: — Peixe

+ ma — Lodo
+ to — Paladar
+ co — Páu de bilhar
Conceito: — Peixe.

+ to — Ave
+ co — Páu de bilhar
+ vo — Apito
+ ta — Pingo
Conceito: — Ave

+ ma — Leito
+ co — Bocado
+ ta — Nome feminino
+ co — Vazio
Conceito: — Ave

+ to — Ave
+ to — Ave
+ ta — Instrumento
+ co — Vazio
Conceito: — Ave

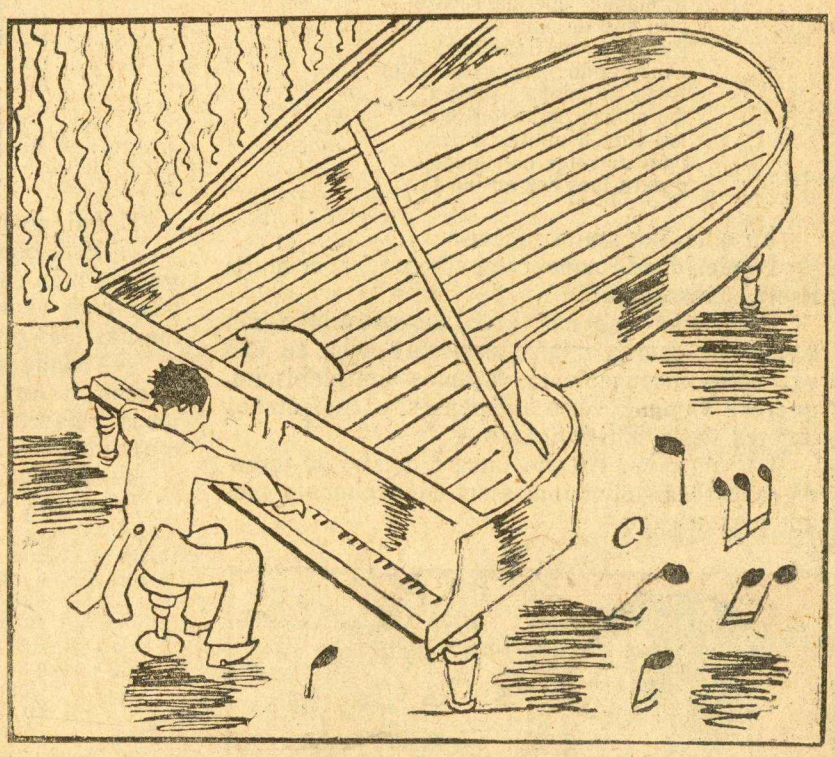
+ co — Repercussão do som
+ la — Pecado mortal
+ la — Fila
Conceito: — Quadrúpede

+ ma — Leito
+ o — Lástima
+ ta — Rumo
Conceito: — Quadrúpede

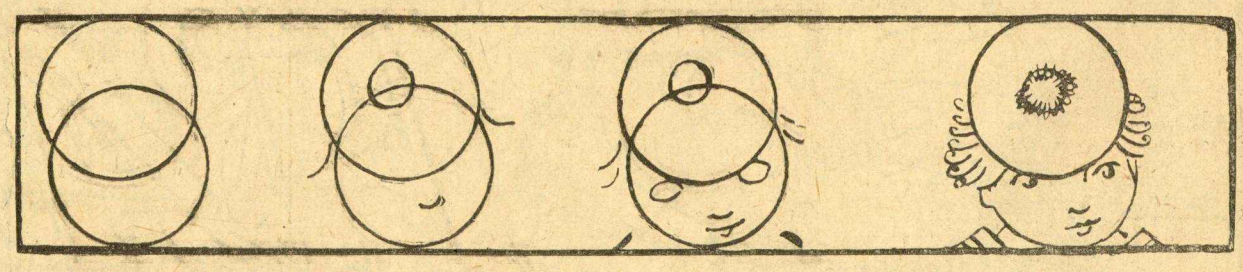
+ ro — Passeio
+ to — Animal roedor
+ to — Veste
Conceito: — Quadrúpede

Decifração das anteriores: — 1 — Chavena. 2 — Terrina. 3 — Travessa. 4 — Fogareiro. 5—Frigideira. 6—Assadeira. 7—Tenaz, 8—Faca. 9—Anel. 10—Copo. 11—Jarro. 12—Cális.

PARA OS MENINOS COLORIREM



LIÇÃO DE DESENHO



COMO SE DESENHA UM MENINO COM UM «BONNET» DE MARINHEIRO FRANCÊS

(Continuação da pag. 6)

exclamei, um tanto escandalisada pela forma imprevista como êle me punha a andar.

—« Tu verás! Tu verás!

Com que artes lhes falarei,
as manhas que empregarei,
p'ra que de mim vão gostar.
P'ra isso vou trabalhar!...
Como ando sempre em viájem,
trago na minha bagájem,
um milhão de historietas,
mil ditos e muitas trêtas,
para entreter os meninos
e para lhes dar ensinos!

Eu olhava-o, muito indecisa.

E êle, dando uma cambalhota e, com muita risota, acrescentou:

Parece-me que não acreditas em mim e não concordas com a minha proposta? Olha, se não vês nisso inconveniente, façamos um plebiscito, queres? Vamos a vêr o que pensam os amiguinhos leitores desta substituição.» —

Caí em mim. Eu não tinha o direito de impedir que vocês tôdos tomassem conhecimento com um personágem

tão sabedôr
como um doutor,
tão divertido,
tão instruido,
com tantas manhas,
tantas patranhas,
conhecimentos,
vários talentos,
p'rós distrair
e instruir!...

E, vai, então, respondi-lhe, já convencida:

—«Está bem, Anão Sabichão, daqui em diante, serás o meu substituto. Em meu lugar virás, aqui, falar com os leitôrsinhos do *Pim-Pam-Pum*. Fio-me nas tuas promessas!» —

—« Ainda queria que me fizesses um favôr — (tornou o Anãosinho) — Dizias, da minha parte, umas palavrinhas aos meninos a quem estás escrevendo?»—

—« Pois não! Estou ao teu dispôr!»—

E escrevi, então, isto que êle ditou:

—« A quem lê o *Pim-Pam-Pum*,
a quem fui apresentado,
não deixo, de modo algum,
de dizer: — Muito obrigado!
Até á próxima vez,
que falarei com vocês.
Com um aperto de mão,
do bom Anão Sabichão. —

FIM